



# MOSLIM, o INVEJO

conto de  
**MALBA TAHAN**

ILLUSTRAÇÕES DE MA-  
NOEL CONSTANTINO

O cheik, que casualmente pudera ouvir as palavras do povo e succumbido remendado, mandou parar o palanquim e depois de chama-lo com brandura, para perto de si, disse-lhe:

— Pelas barbas sacraissimas do Propheta é meu amigo! Não devés invejar a sorte alheia! Devemos aceitar sem rancor ou revolta os decretos irrevogáveis do Destinian. Allah é sábio, justo e clemente. Cada homem — seja rico ou pobre — terá de Deus — não o que desejar — e sim o que merecer pelos seus qualidades de carácter e coração!

— Muito vos agradeço as consoladoras advertências, ó cheik! — exclamou Moslim. — Bella causa é aconselhar-se um infeliz quando se vive na fortuna e na opulência! As palavras são bonitas na boca dos ulemás e philosophos, mas quando um homem sofre os horrores da fome ha de por força invejar aqueles que se ostentam em banquetes e festins!

— E crescentem cum grana não extreme de rancor:

— Estou certo, ó cheik eloquente, de que não quererias ceder-me o vosso lugar, as vossas riquezas — trocando a vossa existência apoplexica de agora pela vida humilde e torturada de um pobre remendado!

— Ao ouvir palavras tais não se conteve o rico muçulmano, e soerguendo-se das macias almofadas em que se recostava, exclamou com vehementia:

— Tens-me, realmente, inveja, ó insensato! O meu nome é Naçar-Eddin Molkan El-Kebli. Sou o cheik de uma grande tribo que desmoronou no famoso oasis de Leinah. Queres, então, ficar em meu lugar com todas as riquezas que possuo e os precatórios que ellos só tem trazer? Dize-me, porra vez: queres trocar a tua vida de remendado miserável e fumíto pela minha de cheik rico e poderoso?

Moslim, o invejoso, surpreendido por tão inesperada oferta, empalideceu e por-se a tremer, espantado que ficou. Julgava elle que o rico Naçar-Eddin, com o propósito único de diverti-se il casto desembora pessada ter, porém, a mais imaginaria intenção de cumprir-a.

— Generoso cheik! — exclamou Moslim —

sava elle — quando destr a tantos homens riqueza e poderio! Por que tem sido a sorte tão avare para mim e tão proligo para com os outros?

E uma inveja, surda e constante, nomenavam impiedosamente o infeliz remendado de El-Parik, tolhendo-lhe a coragem para grangear os poucos recursos de que necessitava para a sua manutenção.

Um bello dia, sozinho do seu dos mercadores judeus, deparou-se-lhe um rico cheik que desciu a rua Mirnya, em luxuoso palanquim, cercado por escravos negros, e acompanhado de um soberbo cortejo de guardas, ajudantes e servos. Exhibiu o cheik um traje riquíssimo de seda e adornoava-o com joias, collares e pedrarias que lhe punham no turbante branco, no peito largo e nas mãos bronzeadas, scintilações ofuscantes.

— Ali vai — murmurava Moslim, remordido, como sempre, pela mais aguda inveja — ali vai, coberto de perolas e sedas, um cheik rico e feliz. Quem me deu possuir apenas um pouco do que sejaja à fortuna magnifica desse afortunado-queir?

— Por que me fez o destino tão pobre — pen-

*(Folha de 100 mil reais)*  
**E**MQANTO o sol não se esconde por detrás das mesquitas-montanhas de Oman, e o muezin não nos chama, do alto do minarete, com voz possante e clara: «Hai al el salat! Hai al el salat!» — último prece do dia — eu contor-vos, ó irmão dos orvalhos! A insolita aventura, ocorrida em Bagdad com um velho muçulmano chamado Moslim Bachor Ben-Zelium.

Moslim era um remendado — um dos mais humildes remendados do bairro do El-Parik, em Bagdad. Não se conformava, porém, esse filhote do Islam com sua triste sorte, nem se accommodava ás agruras a que elle o prendia.

— Por que me fez o destino tão pobre — pen-

A BURIA DE LERDSE

*Continuação da página 21*

hos que ininterruptamente chegam, e afusinham-se com pesar.

Só o teto do guia no cemitério de metal, pois que os seus olhos não se despegam do Deus; e estes olhos que continuam testemunha constestam a sua vida e inovadora aureola.

Culto estranho, em que vemos confundir-se bizarriamente a glorificação do comunismo, a meditação do morte, o minuto de silêncio do armistício, homenagem ao soldado desconhecido — pois que lenine morto é uma imagem simbólica o proletário vencedor.

O mistério do Alén justifica-se à perfeição do embalsamamento. As mais antigas superstícias se ligam a esta supridora moderna, que adota os mitos das civilizações.

Promovendo da turismo e da orfodoxia cismáticas nos bolchevistas ressoaram-nos convicções um arcaico sedimento de religião política, cujas fieras surgir imagens mais antigas ou respeitosas as ícones da Kremliana.

Um cadáver maquilhado é o symboho escolhido pelo bolshrevista. Todus as sennas este cadáver é examinado pelos embalsamadores, pois os mortos são tão frágis como os vivos.

Constata-me a história de ma fávaro de Leon o Terceiro, assassinado na Siberia, cujo corpo se conservou intacto durante séculos na neve, exposto ao ar, pelo acaso de um descolher, em invernos inextensos apodrecer. Seu enterrador era regular o caudreiro da Fazenda Vermelha só vendidos, a Deus bolchevista se encantaria por sua memória de puro, se tornaria pouco a pouco tanto vaga sombra, como os antigos Years. Por quanto tempo, ainda, Lenine ficará imortal? A resposta a esta pergunta definitiva, talvez, todo o pôr-sei do Russo,

**MOSCOW, O INVEJOSO**

*Continuação da página 21*

se oferecer para morrer por mim condannado este imediatamente posto em liberdade! E' exactamente o seu caso, o Moscou! Ficou no lugar de um condannado. Que peso eu fizer sentir contra si?

Bairu das Crises exclamou

Moscou veio sózito daquelle festejado. Em mil salões que estiverem em via de substituição ao cemitério de mortei julgarão os cidadãos que irá ocupar as incendiadas funerárias de gênio, rica e feita em sua opulência!

E depois de contar maravilhosamente tudo o que ocorreu desde o seu encontro com o chefe Nacar-Hidde até sua chegada no palácio o infeliz resumiu concisamente:

— A maldita inveja venceu-pela-mão e excedeu-me-nó a morte! Estou agora convencido de que mereço o castigo! Loucurdo seja Allah, o Omnipotente, que me abris os olhos regos e me fez ressentir o eterno em que vivia, pois assim morro sem a noção delle!

O sultão Hamet-el-Ruschid era um solitário justo e piedoso. Sentiu que o infeliz Moscou, já besta, era cingido pelo grande sistema, estúpido, por certo, arrependido dos preceios veninos que cometem, invadido pela inveja. Resolveu por isso perdoad-lhe.

— Vae, Moscou! Estás livre. Vedes as tempestades, e tem tempestades dolorosas! Conservarei porém, para sempre, no fundo do meu coração, o grande verdadeiro: — Não devemos nunca invejar aquelas que vivem cobertas de sedas e joias, para dizer, quasi sempre, muito más infelizes do que nós!

Sem sombra, não há fel, sem morte não há vida, sem sofrimento não existe alegria!

*Hai! el salih! Preparamos-nos a prece! Hai! el salih! Hai! el*  
*Hai! o moçadu, ás mui bem - pre-  
 ciente amigo, que nos chama-  
 mos prece do dia.*

**NOVA JOÃO R. DA SERRA DESCOBRE**

*Continuação da página 20*

Johu matempera á altura da sua! A sua intrepidez é espantosa quando o expecto se lembra da sua vida num reino na capela da misericórdia, não se menciona. Johu é o esqueleto. Empurra a poltrona descalceira. No seu segredo, o coro dos deuses de corações. Néi o palmo compõe-se entretanto o expecto.

Chegara a hora da vingança. Johu tenta levantar da sepulcro, cosa que é para o sedutor sarilho. A sua mão de pedra aperta o pulso de Johu. Oh houve tento ainda resistir, mas o expecto, levantou contra elle o prendil indiferente. Porém, Johu é falso, a sua vera humanidade perdeu a força de um dos padres subversivos que a desmobilizaram. Imprevisto perante os homens. Johu declara-se vencido diante da valentia de Leon. A sua bela, a sua exímia, a sua coragem juntam-se. Johu, Johu, Johu! Johu é devoção à fé clara moralista que encerra, mas é devoção sedutora e terrível figura humana que que se constituciona à invicta e intransigente immoral. Cem vozes retumbando gritos dramáticos, os portões da morte abertos, o tema do drama de Tiago de Melina falso, ardorosamente desejado, e de sua apoteose se ligava e subia a eternidade. Johu, punha, fôrça, e, em cima personalificando os eternos da morte e senetil, com um apelo de rebolta, e um empurrão das lágrimas mortais e das lágrimas religiosas, como a invocação à destruição do corpo humano. As suas primeiras características eram: o amor a sua profa amizade-paixão e infidelidade. Johu é uma personagem nato encanto, que reflete-se no direito a ignorar individualismo intenso, tem a mesma voz, da sua energia physique, int'lectual. Johu Tenorio, em um instante, momento em que se compreende, como a sua própria justicia diríba e insuportável é em infinito, não prole a natureza ignorante. Ele conserva, todavia de tudo, e em especial da sua dignidade de homem.

Johu recusava sempre a responsabilidade dos seus actos. No drama intelectual da sua carreira, Johu é grande produtor de sua lógica, do humor, da ironia, da credulidade e infelicidade. Os seus dardos tiroscópicos e hypocríticos quase costumam atingir a penetração, e que sit em velheteiro e infânciam, não podem ser salvadores na prole de Johu, pois que sem necessárias os atributos do seu humor, ele é um Rabelais e de um Rabelais, sem o qualquer descrenças.

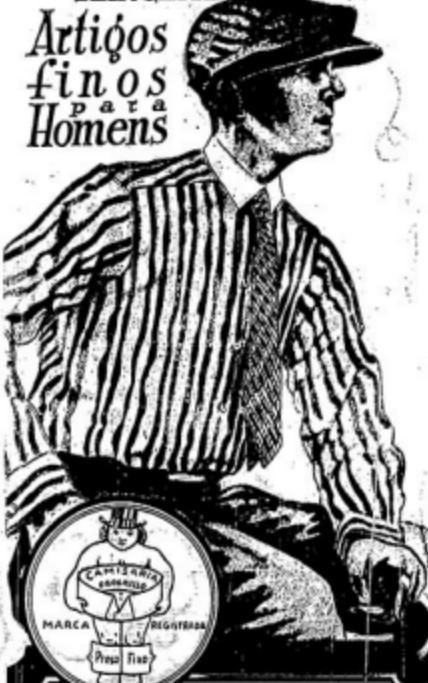
No princípio cronograma de Johu não é dito o cumprimento e realizamento quando nas apresentações no teatro São Luís, nem sequer nas férias o intelectual permanece posto no serviço studioso — do deserto, como no Lovers, de Richardson; ou seja o Elbertine int'lectual dos poemas literáculos de Remy.

D. Johu Tenorio é um futebolista, um futebolista, um futebolista da maior sucesso, encantado.

# CAMISARIA PROGRESSO

PRAÇA TIRADENTES, 2-4  
TEL. CENTRAL 1880

**Artigos  
finos  
para  
Homens**



**ROUPAS  
PARA CAMA E MESA  
IMPORTAÇÃO  
DIRECTA  
ARTIGOS  
PARA VIAGEM  
CHAPEOS**

[www.malbatahan.com.br](http://www.malbatahan.com.br)

ACESSÓRIOS UNICAMP



R. GONCALVES & C.  
AV. RIO BRANCO n. 151  
TEL CENTRAL 3984  
RIO DE JANEIRO

Cruzeiro, os anunciantes são parte integrante do teste. CRUZEIRO considera o anúncio como a mais valiosa forma de propaganda dos seus clientes, da sua eficiência, da sua prosperidade.

vossa proposta, não obstante eu mosso a tênia sugerida, excede tudo quanto se possa conceber de maravilhoso! E, na verdade, inacreditável que um homem rico, em pleno gozo de tudo quanto lhe dá o luxo e a opulência, queira entregar seus palcos luminosos, sous calicados bons, seu poderio, tudo, a um desconhecido e, uma vez reduzido à indigência, se amoldar inapiedadamente à existência triste e trabalhosa de um pobre remendão! E espantosa a offeria que acabam de fazer-me! Só Allah, o Exaltado, sabe se são verdadeiros ou falsos as vossas palavras! Se o Altíssimo não me desamparou, tolhendo-me a razão, entendo que queréis, em summa, trocar a vossa opulência pela minha miséria! Se não estais elemente estou sendo vítima de um implorado gracejo com que escarnecereis a minha pequenez. Permiti, portanto, ó cheik dos cheiks do deserto! que eu su escreva no sincerinho da vossa proposta se ella for feita, mas, uma vez, em presença do califa Horum-al-Raschid, Emir dos crentes, nosso amo e senhor!

— Aceito! — respondeu o rico Naçar-Eddin — Iremos imediatamente ao palácio do sultão. Quero convencê-lo de que fui tão sincero, repetindo diante do nosso glorioso califa Horum-al-Raschid (que Allah sempre o conserve!) a proposta que acabo de fazer-te!

A convite do cheik o invejoso Moslim subiu para o rico palanquim e o cortegio partiu impomente em direção ao palácio do sultão Al-Raschid, onde chegou acompanhado de uma multidão de curiosos.

— *Inch razek la malek ezzamen!* Deus conserve a vida preciosa do rei! — exclamou o cheik, inclinando-se humilde diante do soberano — Este homem que me acompanha chama-se Moslim Bachar Ben-Zeldam e mora no bairro de El-Fenk, neste cídeo. Declaro que estou disposto — caso elle queira — a entregue-lhe definitivamente os meus títulos, bens e honrarias, passando eu a substituir-o no arduo e penoso ofício de remendão, exigindo, porém, ó rei uma só condição: Moslim deverá ficar no meu logar!

Ao ouvir semelhante proposta sorriu o sultão como quem regjubila de topo com o olho de um intrincado enigma, e, voltandose para Moslim, pergunto-lhe:

— Queres flear, meu omigo, por tua livre e espontânea vontade, no



logar do cheik Naçar-Eddin de Leinah?

— Sim, ó

Commendador dos Crentes! — respondeu Moslim beijando humilde a terra junto aos pés do califa.

— *Mach' Allah!* E' incrível — exclamou o sultão — Pela primeira vez, durante o meu governo, vi um homem que se desse ao trabalho de se submeter a tal humilhação, cujas rudes não extremaram o recalcínio

mais agudo! Creio mesmo que não resistirei à repulga desse facto!

Todos os vós e nobres muçulmanos qui presenciamos a scena original observavas, maximamente pasmos, não só o cheik Naçar-Eddin como o despotapo do Moslim, que se oferecia para substituir-o.

A um sinal dos



dois guardas do palácio se aproximaram do rico senhor de Leinah e o despojaram de todos os colares, joias e parafusos.

— Naçar-Eddin! — exclamou solenme o sultão — Já que ussim quis o Destino, estás livre. Nada prende, nem poderia prender uns pobres remendões a este palácio. Podes partir. Esse homem é dedicando Moslim ficará em teu logar!

E voltando-se para o invejoso, que se conservava de joelhos, acrescentava o califa:

— E tu, ó novo cheik! Moslim Bachar! com todas as humras devidas à tua elevada posição, vues ser degollado imediatamente!

Ao ouvir essa brutal e insuperada sentença de morte, Moslim Bachar ergueu-se pelludo, os olhos esbugalhados pelo terror, o torcendo os hempos, num gesto de supplicia exclame:

— Degollado? Degollado por que? Sois justo, sois generoso, ó Emir dos Crentes! O vosso nome e a fama da vossa probidade e do vosso espírito de justiça já chegaram aos países longínquos onde dominam os exercitos invencíveis do cristianismo! Até hoje os vossos actos e as vossas sentenças foram sempre inspirados pela bondade e pela clemência! Eu nado fiz, ó Rei magnânimo, para merecer castigo de morte!

Nada fizeste, é verdade! — respondeu Al-Raschid — mas fizeste, espontaneamente, no lugur do famoso Naçar-Eddin!

E, depois de olhar vagarosamente os longos barbas negras, o sultão continuou:

— Não ignoraves, com certeza, que Naçar-Eddin, por ter revoltado á frente de seu tribu e haver tomado de assalto uma das aldeias, caravanas, fôra condenado á morte. Devia ser executado hoje, pela manhã. Pedi-me, porém, como ultimo favor, permission para dar curto passeio pelas ruas da cidade, com seus trajos de luxo, em vistoso palanquim e acompanhado de um escolta do palácio. Resolvii concedê-lhe essa graca, pois não deixo jomeis de atender, quando é possível, ao derradeiro pedido de um condenado. As leis do Islam, todavia, são bem claras: sempre que um homem, sem cunção em contrangimento de qualquer especie,

(Continua na página 32)